

EDITORIAL

A área de ensino de História tem crescido exponencialmente nos últimos anos. Livros, revistas e congressos demonstram a pujança dessa produção. Tais pesquisas revelam um diálogo intenso com o tempo presente, seja tanto nas escolhas temáticas, quanto nos objetos pesquisados e nas fontes escolhidas. Dessa forma, cabe ao pesquisador do ensino de História estar atento às mudanças e permanências que se desdobram nos processos históricos do tempo presente. A perspectiva historiográfica do tempo presente surgiu nas décadas finais do século XX como uma resposta a uma História que buscava o distanciamento temporal de seu objeto.

Para o professor de história tal distanciamento é impossível, sua reflexão, suas pesquisas impactam diretamente o processo de ensino-aprendizagem de seus alunos. Assim, a Revista **Humanidades & Tecnologia** por meio desse dossiê teve por objetivo reunir pesquisadores ocupados em discutir os principais desafios do ensino de História no tempo presente em suas múltiplas dimensões, e se encontra assim estruturado:

Margareth Vetis Zaganelli, Adrielly Pinto dos Reis e Bruna Velloso Parente abordaram a importância da disciplina História do Direito para a formação jurídico-acadêmica de seus profissionais, como mecanismo para a essencial compreensão da dialeticidade entre o presente e o passado. Com esse intento, por meio de metodologia de natureza exploratória, com base em pesquisa bibliográfica nacional e internacional, descreveram a constituição da disciplina História do Direito, com relevância para a sua emancipação da disciplina Filosofia do Direito.

Priscila Cabral de Sousa e Vera Lúcia Caixeta visaram tratar sobre a relevância do ensino de História das Mulheres no Ensino de História. Para as autoras essa temática emergiu após uma aluna do oitavo ano do ensino fundamental enunciar o seguinte comentário: “Parece que no mundo só existem homens, já que a história só fala deles”. Segundo elas a inquietação da discente evidencia uma, entre tantas problemáticas que permeiam o ensino: as desigualdades de gênero.

Laila Cristine Ribeiro da Silva objetivou analisar as memórias que revelam as experiências de territorialidades que marcaram os caminhos de vivências, bem como os labores experimentados para a sobrevivência e as expectativas de futuro, na narrativa de vida de uma mulher. Para isso utilizou-se o método da História Oral, valendo-se da técnica da entrevista, que serviu como fonte nessa pesquisa, contribuindo para a solidificação da importância da oralidade em meios aos trabalhos das ciências humanas e muito propriamente para a História.

André Brasil da Silva buscou discutir a investigação histórica familiar como abordagem metodológica válida para a construção do conhecimento histórico. A entrevista de História Oral realizada com a Sra. Maria Madalena serviu de base para a problematização dessa estratégia de ensino. Além disso, essa entrevista foi utilizada para a articulação com uma temática social mais ampla: a questão feminina.

Andreia Costa Souza e Luis Rafael da Silva Valadão apresentaram uma proposta de ensino e aprendizagem que utiliza como suporte páginas do Facebook que tratam de temáticas históricas pertinentes ao conteúdo curricular do 9º ano do Ensino Fundamental. Conforme os autores tendo em vista que temas da história contemporânea são tratados quase cotidianamente em páginas voltadas ao Ensino de História e/ou Historiografia na referida rede social, os/as discentes foram orientados a realizar um estudo desses conteúdos em páginas indicadas pela professora de história, sendo também desafiados a identificar relações entre os temas estudados em sala com discussões e notícias recentes circuladas no Facebook.

De acordo com **Antonio Guanacuy Almeida Moura e Braz Batista Vas** as transformações causadas na sociedade pelo uso das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), estão presentes em todas as instituições e espaços sociais contemporâneos, dentre estes o ambiente escolar, refletindo-se sobre as formas de pensar, ensinar e fazer a educação histórica no tempo presente.

Claudimir de Oliveira Espindola e Dagmar Manieri afirmaram que o objetivo desse artigo é um estudo das possibilidades da consciência histórica no campo através do ensino de história. Para tal os autores utiliza-se para efeito de mediação teórica as contribuições de Paulo Freire e Georg Hegel, com o objetivo de confluir o ensino de história com o contexto social do aluno (a). Segundo eles a consciência histórica transforma-se em uma postura ativa ante os problemas concretos da vida social no campo, bem como o ensino de história passa a ser concebido como um estímulo ao processo de conscientização.

Daniel Bueno da Silva e Rosária Helena Ruiz Nakashima apresentam problematizações referentes ao ensino de História e à sexualidade, por meio das teorizações de autores e autoras *queers*. A parte empírica da pesquisa foi realizada em uma disciplina pedagógica, do Curso de Licenciatura em História, de uma universidade federal da região Norte do Brasil. Nessa disciplina foram realizadas atividades didático-pedagógicas que incluíram momentos de reflexão e síntese do conteúdo “gênero e sexualidade”. Por meio dessas atividades, os/as acadêmicos/as compreenderam que na escola estão presentes as relações de

poder, mas, não mais resumidas ao simples silenciamento, envolvendo mecanismos complexos e sutis de construção e fixação das diferenças pelos discursos veiculados na/pela escola.

João Cândido Carvalho Marinho discute algumas questões referentes à educação no município de Amarante do Maranhão entre as décadas de 60 e 90, a partir das narrativas de Ribeiro de Carvalho Marinho: mulher negra, vinda de uma família que vivia no interior do município e que, vencendo diversas dificuldades, se tornou professora. A partir da entrevista foi possível montar um vídeo documentário e agora, elaborar este artigo. Na sua narrativa, ela trata aspectos da infância no sertão, no que tange às dificuldades de escolarização e a utilização dos recursos disponíveis no próprio espaço para o processo de aprendizagem.

Jucileide da Silva Almeida e Vera Lúcia Caixeta Buscaram apontar possibilidades para o ensino de história das mulheres a partir das experiências dos/as estudantes da EJA, com a finalidade de desconstruir estereótipos, desnaturalizar versões e visões essencialistas para fazer avançar relações mais igualitárias, entre homens e mulheres. Defendemos que a escola e as aulas de história podem tanto ser espaço para legitimação do *status quo*, quanto de emancipação e mudanças. Sabe-se que gênero, na condição de categoria de análise, ajuda a perceber os significados, símbolos e hierarquias construídas histórica e culturalmente para cada um dos sexos. Além disso, pensar na construção histórico-cultural do masculino e feminino é mergulhar em nossa sensibilidade.

Margareth Vetis Zaganelli, Adrielly Pinto dos Reis e Bruna Velloso Parente abordaram a difusão dos museus virtuais, como mecanismos voltados à democratização do acesso à informação e ao ensino- aprendizagem da história e da cultura. Por meio de metodologia de natureza exploratória, com base em pesquisa bibliográfica e em fontes nacionais e internacionais, inicialmente, descreve os aspectos próprios de tal inovadora ferramenta e o seu vínculo com o desenvolvimento tecnológico e com a globalização.

Marina Grigório Barbosa de Sousa e Andressa Barros da Luz partiram da perspectiva de análise da importância das práticas e ações para o processo de revitalização cultural e as contribuições dos livros didáticos na vida das mulheres negras. Para as pesquisadoras a inquietação desta pesquisa partiu da busca por verificar de que modo as mulheres negras vêm sendo representadas nos livros didáticos de História e como essas representações sugerem abordagens do tema na educação especialmente na disciplina de História.

Martha Victor Vieira objetivou abordar a história do ensino da história do Brasil contido nos manuais didáticos produzidos para os estudantes de nível primário e secundário,

com o objetivo de demonstrar a longevidade do paradigma da civilização europeia. Para isso ela analisou a temática indígena em alguns manuais, desde meados do século XIX até início do século XXI, haja vista que foram esses sujeitos históricos que mais representaram a oposição aos padrões culturais do velho mundo, por sua recusa em adotar a lógica capitalista do trabalho e pela resistência feita à conquista territorial.

Vilma Belizário e Rosângela Soares Braga Indelécio visaram analisar as representações de professores de uma escola pública em João Pinheiro- MG no que tange ao ensino de história nas séries iniciais. A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas efetivadas com 06 professores que ministram aulas nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Utilizou-se também o aporte teórico-metodológico ancorado nas contribuições de alguns autores que tratam a temática no Brasil. Com o objetivo de identificar como é a participação dos alunos nas aulas de história, das séries iniciais de uma instituição pública na referida cidade, posteriormente através de suas respostas, as análises e conclusões do presente trabalho foram levantadas.

Giselda Shirley da Silva, Maria Célia da Silva Gonçalves, Vandeir José da Silva e Maria Zeneide Carneiro M. de Almeida apresentaram o resultado de uma pesquisa realizada por meio de oficina efetivada com acadêmicos do curso de História de uma Instituição do Ensino Superior do Noroeste de Minas na disciplina de educação das relações étnico-raciais no ano de 2019. A oficina se propôs a refletir sobre a prática do racismo e o papel da escola, buscando entender como os debates tem possibilitado repensar sobre o racismo e preconceito no cotidiano escolar, e essa instituição tem contribuído para minimizar o problema.

Esperamos que esse novo conjunto de contribuições seja apreciado para fins de leituras e pesquisas por investigadores, professores e alunos que estão preocupados em contribuir com o avanço das pesquisas sobre o Ensino de História no sertão brasileiro.

Agradecemos aos colaboradores a contribuição nesse décimo sétimo número e já deixamos o convite para participação no próximo.

Organizadores:

Profa. Dra. Maria Célia da Silva Gonçalves – FINOM

Profa. Dra. Vera Lúcia Caixeta – UFT

Prof. Dr. Wellington Amarante Oliveira – UFT